

ESCALA DE ATITUDE MULTICULTURAL: VALIDAÇÃO E EVIDÊNCIAS MÉTRICAS NUMA AMOSTRA PORTUGUESA

MULTICULTURAL ATTITUDE SCALE: VALIDATION AND METRIC EVIDENCE IN A PORTUGUESE SAMPLE

Cátia Sousa¹, Gabriela Gonçalves²

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2023 • PP. 33-48

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XIX.1.2>

Submitted on 6.09.21 Submetido a 6.09.21

Accepted on 29.12.22 Aceite a 29.12.22

Resumo

O nível de apoio ao multiculturalismo por parte dos países de acolhimento, varia de acordo com aspetos específicos das políticas multiculturais, pelo que as medidas de atitude geral face ao multiculturalismo se revestem de extrema importância pois podem dar uma indicação sobre o clima ideológico geral de um país. Este estudo, de carácter exploratório, tem como objetivo apresentar as propriedades psicométricas da escala de Atitude Multicultural numa amostra portuguesa. Com uma amostra total de 404 participantes, 123 homens e 281 mulheres de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 82 anos ($M = 40.94$; $SD = 15.43$), os resultados obtidos através da realização da análise de componentes principais apontam para uma estrutura de quatro fatores e com índices de ajustamento bons, contrapondo a estrutura unidimensional original. Contudo os valores de consistência interna apresentaram valores fracos. Não obstante, a escala na sua globalidade apresentou um bom valor de alfa, pelo que se considera que pode ser um instrumento a usar na população portuguesa. Considera-se, no entanto, fundamental, que estudos futuros contemplem uma revisão dos itens de dupla negativa, da desejabilidade social e da estrutura da escala.

Palavras-chave: Atitude multicultural, escala, validação, propriedades psicométricas

1 Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP/UAL) & Universidade do Algarve. Professora Adjunta convidada na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve e membro do Centro de Investigação em Psicologia (CIP/UAL) & Universidade do Algarve.
cavsousa@ualg.pt | <http://orcid.org/0000-0001-9905-8138>

2 Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP/UAL) & Universidade do Algarve. Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e membro do Centro de Investigação em Psicologia (CIP/UAL) & Universidade do Algarve.
ggoncalves@ualg.pt | <http://orcid.org/0000-0002-9480-3239>

Financiamento: Este trabalho foi financiado com fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia – no âmbito do projeto CIP / UAL – Ref^a UID / PSI / 04345/2020

Autor correspondente: Cátia Sousa. Universidade do Algarve, Campus da Penha, 8005-139 Faro, Portugal. E-mail: cavsousa@ualg.pt

Abstract

The level of support for multiculturalism by host countries varies according to specific aspects of multicultural policies, so measures of general attitude towards multiculturalism are extremely important as they can give an indication of the general ideological climate of a country. This exploratory study aims to present the psychometric properties of the Multicultural Attitude scale in a Portuguese sample. With a total sample of 404 participants, 123 men and 281 women of Portuguese nationality, aged between 18 and 82 years ($M = 40.94$; $SD = 15.43$), the results obtained by conducting the principal component analysis, point to a four-factor structure and with good fit indices, as opposed to the original one-dimensional structure. However, the internal consistency showed weak values. Nevertheless, the scale had a good alpha value, which is why it is considered that it can be an instrument to be used in the Portuguese population. However, it is considered essential that future studies include a review of items with double negatives, social desirability, and scale structure.

Keywords: Multicultural attitude, scale, validation, psychometric properties

Portugal, historicamente país de imigração, continua a receber cada vez mais imigrantes. Os fluxos migratórios para Portugal têm vindo a crescer consecutivamente desde 2016, marcando recordes da imigração. Os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras revelam que em 2020 o nº de estrangeiros era de 661 600, mais 71 252 do que em 2019. Este aumento regista-se sobretudo na mão de obra das grandes explorações agrícolas, mostrando que apesar da crise económica devido à covid-19, os imigrantes não só continuaram por Portugal como continuam a escolher o país.

Os estrangeiros, das mais diversas nacionalidades, representam sobretudo uma população profissionalmente ativa. Logo, os locais de trabalho espelham diferentes culturas, línguas e sotaques, valores e hábitos. Esta multiculturalidade assume-se assim como um desafio, não só para as organizações, mas também para toda a sociedade de acolhimento, que necessita de administrar a possível tensão entre as necessidades da população nativa e as necessidades dos grupos minoritários (e.g., Breugelmans et al., 2009). As atitudes do país de acolhimento face ao multiculturalismo são importantes para perceber quais as estratégias de aculturação que o grupo minoritário poderá vir a adotar. Embora sejam livres de escolher o tipo de estratégia de aculturação, o clima ideológico da sociedade de acolhimento irá ser determinante. Isto porque uma estratégia de integração só pode ser totalmente realizada quando uma sociedade apoia uma ideologia multicultural (Berry, 2001).

Portugal é um país que tem adotado uma postura de abertura à imigração e à diversidade cultural. Alguns estudos (e.g., Sousa & Gonçalves, 2015) têm mostrado que Portugal, aos olhos dos imigrantes é um país hospitaleiro, acolhedor e favorável à multiculturalidade. Contudo, os aumentos migratórios surgem por norma associados a ameaças, e alguns dados têm mostrado que os portugueses são mais favoráveis ao acolhimento de refugiados, do que a imigrantes

que vêm trabalhar, devido sobretudo à competição por recursos (e.g., Esses et al., 2012). Estes fatores surgem associados a tensões sociais e aumento do apoio a grupos nacionalistas e oposição a políticas de integração, fenómeno que tem vindo a aumentar em Portugal (Gonçalves et al., 2023).

Neste contexto parece ser de suma importância aprofundar as atitudes face ao multiculturalismo, nomeadamente em contexto português. Dada a atualidade e pertinência desta temática, e face à escassez de instrumentos que permitam uma observação das atitudes relativas à multiculturalidade em língua portuguesa, este estudo tem como objetivo adaptar e validar a escala de atitude multicultural (EAM) para uma amostra portuguesa.

Ideologia Multicultural

O multiculturalismo tem sido abordado e estudado por especialistas de várias áreas disciplinares, incluindo a sociologia (e.g., Hall, 2000; Modood, 2005), a filosofia política (e.g., Kymlicka, 1995; Taylor, 1992), a antropologia (e.g., Vertovec, 2007) e a psicologia (e.g., Berry, 2011; Stogianni et al., 2021). Assim, também a sua definição pode variar dependendo do contexto (Leong & Liu, 2013). De acordo com Berry e colegas (1977), o multiculturalismo pode ser caracterizado de acordo com três níveis: demográfico, ideológico e político. A um nível demográfico, uma sociedade multicultural é representada por diferentes grupos étnico-culturais que vivem juntos num mesmo espaço geográfico (van de Vijver et al., 2008). Ao nível ideológico, o multiculturalismo é concetualizado entre a ética política e religiosa, o que pode incluir obrigações no que respeita ao grau de tolerância e respeito mútuo, assim como permitir aos grupos étnico-culturais manterem a sua herança cultural. É uma ideologia referente à aceitação de diferentes culturas numa sociedade, assim como ao suporte ativo dessas diferenças culturais pelos membros dos grupos majoritários e minoritários (Schalk-Soekar et al., 2004). Ao nível político, a legislação e a execução governamental são um exemplo de como a diversidade é gerida politicamente, e dos tipos de intranquilidades que estas geram entre grupos. A garantia de equidade no acesso aos recursos, a redução da discriminação e a remoção de barreiras para um livre acesso à totalidade das atividades socioeconómicas constituem a “marca” da política inclusiva (Berry et al., 1977). Ou seja, o multiculturalismo descreve uma política que valoriza e acolhe uma sociedade culturalmente plural (e.g., Tip et al., 2012; Virgona & Kashima, 2021). O multiculturalismo pode também ser assumido enquanto conceito psicológico, ou seja, “uma atitude relacionada à ideologia política, que se refere à aceitação e apoio à sociedade culturalmente heterogénea” (van de Vijver et al., 2008, p. 93). Face às diversas abordagens, o multiculturalismo não é, nem um constructo monolítico, nem uma função linear das ideologias individuais – a influência do contacto intercultural numa sociedade plural raramente é independente do seu ambiente sociopolítico embora algumas conjunturas sejam similares em vários continentes (Leong & Liu, 2013). A noção de multiculturalismo depende, muitas vezes, do contexto social, bem como do tipo de grupos étnico-culturais em estudo (e.g., nativos *versus* imigrantes). Na última década, estudos sobre o multiculturalismo, realizados em vários países, mostraram existir alguma variabilidade decorrente do maior ou menor apoio dado às políticas favoráveis ao multiculturalismo (Sousa, 2015). Este tipo de apoio encontra-se associado à ideologia multicultural (e.g., Urbiola et al., 2017). Há várias definições e classificações de ideologia multicultural.

Uma das classificações precursoras é a proposta por Berry (2001). De acordo com o autor, a ideologia multicultural está associada à aculturação dos imigrantes à cultura de acolhimento. Ou seja, ao modo como um imigrante deseja lidar com a cultura do seu país de origem e a cultura dominante no país de acolhimento.

Outra classificação foi proposta por Bourhis et al. (1997), que descreveram quatro tipos de ideologias de multiculturalismo no seu modelo de aculturação interativa. Uma ideologia de pluralismo é baseada em três princípios: 1) a expectativa dos imigrantes em adotar os valores públicos e as leis do país de acolhimento, 2) o respeito pelos valores privados dos imigrantes (por exemplo, nenhuma intrusão na esfera da vida pessoal), e 3) o dinheiro público pode ser gasto em atividades privadas dos imigrantes.

Rex (1998) e Tiryakian (2003) distinguem entre quatro tipos de políticas de diversidade com base em direitos legais concedidos às minorias: 1) exclusão total dos grupos minoritários da esfera pública e negação da cidadania; 2) políticas que não reconhecem as minorias como culturalmente distintas, mas que concedem cidadania aos nascidos ou naturalizados no solo anfitrião (por exemplo, França); 3) os imigrantes e os seus filhos são tratados como residentes temporários que não têm o direito de cidadania; e 4) que envolve várias formas do multiculturalismo (Rex, 1998).

Investigações realizadas nos últimos anos, têm demonstrado que a par dos imigrantes, também os membros da sociedade de acolhimento têm preferências quanto às estratégias de aculturação adotadas pelos imigrantes (Horenczyk, 1997; Matera et al., 2012; Piontkowski et al., 2002; Roccas et al., 2000; Tip et al., 2012; Zagefka & Brown, 2002) e experienciam um processo de aculturação, quer através de contacto interpessoal direto com os imigrantes na escola ou no trabalho, quer através de contacto indireto através de meios de comunicação como a escrita, ou as redes sociais (Bourish et al., 2010). Normalmente os membros da sociedade de acolhimento não apreciam que os imigrantes optem pela manutenção da sua cultura de origem, preferindo que estes se adaptem à cultura de acolhimento (e.g., Arends-Tóth & Van de Vijver, 2003; Bourish et al., 2010; Breugelmans & Van de Vijver, 2004; Van Oudenhoven et al., 1998; Zick et al., 2001), uma vez que para os membros da sociedade de acolhimento, a manutenção da cultura de origem por parte dos imigrantes é vista como uma ameaça (Schalk-Soekar & Van de Vijver, 2008). Além disso, os membros da sociedade de acolhimento consideram que é mais fácil absorver os imigrantes quando as diferenças culturais são reduzidas, ou quando são culturalmente semelhantes com a sua cultura (Bourhis et al., 2009). Em suma, o multiculturalismo pode fortalecer as reações defensivas das pessoas quando outras culturas estão envolvidas (Cho et al., 2017)

Escala de Atitude Multicultural

Um dos estudos pioneiros relacionado com atitudes multiculturais foi conduzido no Canadá por Berry e Kalin em 1995, que desenvolveram uma escala de Ideologia Multicultural para avaliar atitudes em relação ao multiculturalismo. Esta escala contempla vários aspetos associados ao multiculturalismo, entre eles a diversidade (i.e., se a diversidade é boa ou não para a sociedade), as estratégias de aculturação por minorias assim como as estratégias de aculturação preferenciais da sociedade de acolhimento. A escala proposta por Berry e Kallin (1995) é composta por 10 itens, medidos numa escala Likert de 7 pontos, e provou ser uma escala curta e confiável para medir

atitudes em relação ao multiculturalismo (van de Vijver et al., 2008). Contudo, Breugelmans e van de Vijver (2004) consideram que o instrumento não contempla o conceito de multiculturalismo na sua totalidade. Assim, partindo da escala de ideologia multicultural, da investigação sobre atitude multicultural conduzida por Ho (1990), do índice de discriminação rápida proposto por Ponterotto et al. (1995), e da medida de atitude sobre diversidade cultural e pluralismo desenvolvida por Stanley (1996), estes autores desenvolveram a escala de atitudes multicultural, com o objetivo de abarcar uma gama mais ampla de aspetos do multiculturalismo. Esta escala, contempla 28 itens e cobre os domínios básicos da escala de ideologia multicultural com mais profundidade, contemplando quatro domínios: 1) (Des)aprovação da diversidade cultural; 2) aculturação das minorias; 3) apoio às minorias por membros maioritários; e 4) igualdade de direitos e participação social para todos os grupos da sociedade (Breugelmans & van de Vijver, 2004; Schalk-Soekar et al., 2004). Embora avalie quatro domínios, vários estudos mostraram que a escala de atitude multicultural é unidimensional, e que a atitude em relação ao multiculturalismo é uma construção estável ao longo do tempo (Arends-Tóth & van de Vijver, 2003; Breugelmans & van de Vijver, 2004; Breugelmans et al., 2009; van de Vijver et al., 2008). Ou seja, indivíduos que pontuam alto nos itens de um domínio tendem a pontuar alto nos itens de outro domínio, enquanto aqueles com pontuação baixa num domínio tenderão a ter pontuação baixa em outros domínios também (Breugelmans et al., 2009). Em 2009, Breugelmans e colegas compararam os dados das investigações realizadas sobre as atitudes da população holandesa durante o período de nove anos (1999 a 2007). Para o efeito utilizaram uma versão reduzida da escala de atitude multicultural, que contempla 19 itens que eram transversais a todos os estudos efetuados, de modo a poderem ser efetuadas comparações entre os períodos em análise. Os autores realizaram uma análise de componentes principais para extrair uma solução unifatorial para os 19 itens, e a confiabilidade da escala apresentou um alfa de *Cronbach* acima de 0.83. Em relação aos resultados, foram observadas poucas diferenças no nível de apoio ao multiculturalismo ao longo do tempo, mas foram encontradas diferenças sistemáticas entre domínios que tendiam a ser estáveis ao longo do tempo (Breugelmans et al., 2009).

Assim, e como referido anteriormente, o nível de apoio ao multiculturalismo por parte dos países de acolhimento, varia de acordo com aspetos específicos das políticas multiculturais, pelo que as medidas de atitude geral face ao multiculturalismo se revestem de extrema importância pois podem dar uma indicação sobre o clima ideológico geral de um país.

Metodologia

Amostra

Participaram neste estudo cerca de 404 indivíduos, 123 homens e 281 mulheres de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 82 anos ($M = 40.94$; $SD = 15.43$). Em relação ao estado civil a maioria é casado ou vive em união de facto ($n = 196$, 48.5%) seguidos daqueles que são solteiros ($n = 162$, 40.1%). As habilitações literárias dos participantes correspondem maioritariamente ao ensino secundário ($n = 178$, 44.1%) e à licenciatura ($n = 137$, 33.9%). Mais de metade dos indivíduos encontra-se ativo profissionalmente ($n = 225$, 55.7%).

Tradução dos itens

Para a tradução e adaptação da Escala de Atitude Multicultural (EAM) para a cultura portuguesa, seguiram-se as fases propostas por Muñiz e colegas (2013): 1) a tradução dos itens da EAM para o português por um grupo de especialistas na área, seguindo um processo de tradução reversa. A tradução do inglês para o português foi realizada por dois profissionais bilíngues. A partir desta versão, a tradução reversa foi realizada por outros dois profissionais bilíngues não envolvidos no processo acima. A precisão da tradução foi julgada pelo grau de coincidência com a versão original (Hambleton, 2005), fazendo alterações nos itens para os quais os resultados indicaram que era necessário; 2) a validade de conteúdo foi determinada a partir da avaliação qualitativa dos itens por julgamento de especialistas (Sireci & Faulkner-Bond, 2014; Spaan, 2006). Para testar a tradução, foi solicitado a 20 participantes (pré-teste) que respondessem à versão em português, para corrigir possíveis problemas de compreensão, não tendo sido detetados problemas de interpretação. Esses participantes não foram incluídos na amostra final. A versão portuguesa da escala encontra-se no apêndice 1.

Instrumento

Multicultural Attitude Scale (MAS) – baseada no Multicultural Ideology Scale de Berry e Kalin (1995), foi adaptada por Breugelmans e van de Vijver (2004), com o objetivo de cobrir uma gama mais ampla de aspetos do multiculturalismo. Breugelmans e al, (2009) utilizaram uma versão reduzida da escala originalmente composta por 28 itens, igualmente com uma estrutura unidimensional, mas composta por 19 itens, avaliados numa escala de Likert de 7 pontos (1 – discordo totalmente a 7 concordo totalmente). Exemplos de itens: item 2 “Acho que a unidade de Portugal é enfraquecida pela presença de estrangeiros” e item 8: “Aprovo que as mulheres estrangeiras residentes utilizem lenços na cabeça.”). Os itens 2, 3, 4, 5, 9, 11 e 18 são revertidos. A escala apresentou um valor de consistência interna de 0.85.

Dados sociodemográficos – Foram ainda acrescentados itens com vista à caracterização da amostra: género, idade, estado civil, habilitações literárias e situação profissional.

Procedimentos

Para recolher os dados necessários à realização da presente investigação empírica, procedeu-se à elaboração de um inquérito por questionário que foi aplicado em papel para preenchimento presencial, o qual era de autopreenchimento (10 minutos). A participação foi voluntária e não remunerada, e aos participantes foram garantidos os direitos de liberdade de participação, anonimato e confidencialidade dos dados. Os dados foram recolhidos em universidades, empresas e locais públicos.

Análise dos dados

Os dados recolhidos foram analisados através do programa SPSS (v. 26). As propriedades psicométricas da EAM foram avaliadas através da análise fatorial exploratória, confirmatória e consistência interna. Para analisar a validação cruzada, isto é, se a estrutura identificada é repetida quando investigada numa segunda amostra (Floyd & Widaman, 1995) a amostra foi

aleatoriamente dividida em 2 partes: 202 participantes para a análise fatorial exploratória e 202 participantes para a análise fatorial confirmatória. A análise fatorial exploratória foi validada pelo critério KMO e com extração dos fatores pelo método das componentes principais. Para a análise de ajustamento do modelo os seguintes indicadores de qualidade de ajuste foram calculados com base nas recomendações de Byrne (2001): 1) χ^2 , que representa um teste à significância da função de discrepância minimizada durante o ajustamento do modelo e quanto menor for o seu valor, melhor será o ajustamento (Marôco, 2014); 2) CMIN/DF, que complementa a informação sobre o χ^2 , ou seja, é a razão entre χ^2/gl ; χ^2/gl e corresponde à probabilidade de ajustamento dos dados ao modelo teórico devendo os seus valores variar entre 2 e 5; 3) Comparative Fit Index (CFI), Normed Fit Index (NFI) e Tucker-Lewis Index (TLI), que variam entre 0 e 1 (valores > 0.90 indicam bom ajuste); (Bentler & Bonett, 1980); e 4) o erro quadrático médio de aproximação (RMSEA) – um valor ideal está entre 0.05 e 0.08, com valores de até 0.10 considerados aceitáveis. A consistência interna foi avaliada através do alfa de Cronbach que pode variar numa escala de 0 a 1, admitindo-se como aceitáveis valores a partir de 0.70 (Nunnally, 1978).

Resultados

Estatística Descritiva

Na tabela 1 é possível observar a média e o desvio padrão dos 19 itens da escala. A média mais baixa corresponde ao item 16 ($M = 3.58$; $DP = 1.61$) e a média mais elevada ao item 2 ($M = 5.76$; $DP = 1.51$). Em termos da correlação item-total corrigida (α varia de 0.83 a 0.84), os itens encontram-se todos acima de 0.30 (Nunnally & Bernstein, 1994), e, portanto, estatisticamente aceitáveis, à exceção do item 8. Contudo, a análise de itens indica que a confiabilidade permanece inalterada e, como tal, nenhum item foi excluído. Histogramas e medidas de assimetria e curtose mostram que as distribuições dos 19 itens são normais (assimetria de -0.98 a 0.18 e curtose de -1.32 a 1.19), uma vez que estão abaixo de 2 e 7 respetivamente (Bentler & Wu, 2002; Curran et al., 1996; Finney & Distefano, 2006; West et al., 1995).

TABELA 1*Estatísticas descritivas e confiabilidade dos itens da EAM (n = 404)*

Item	M	DP	Correlação item-total corrigida	Alfa de Cronbach (α) se o item for excluído	Sk SE = 0.12	Ku SE = 0.24
1	5.29	1.35	0.55	0.83	-0.54	-0.01
2	5.76	1.51	0.49	0.83	-1.34	1.19
3	5.62	1.50	0.49	0.83	-1.13	0.66
4	5.18	1.66	0.53	0.83	-0.64	-0.48
5	4.30	1.84	0.33	0.84	-0.15	-1.01
6	4.81	1.55	0.47	0.83	-0.37	-0.28
7	4.27	1.48	0.45	0.83	0.02	-0.50
8	3.62	2.13	0.23	0.85	0.18	-1.32
9	4.67	1.87	0.55	0.83	-0.32	-0.82
10	4.54	1.53	0.33	0.84	-0.23	-0.47
11	4.25	1.73	0.31	0.84	-0.15	-0.73
12	4.21	1.42	0.40	0.84	0.02	-0.04
13	5.56	1.57	0.55	0.83	-0.98	0.24
14	5.27	1.43	0.51	0.83	-0.54	-0.25
15	4.43	1.73	0.37	0.84	-0.27	-0.63
16	3.58	1.61	0.45	0.83	0.15	-0.45
17	5.08	1.41	0.45	0.83	-0.31	-0.38
18	5.26	1.69	0.49	0.83	-0.69	-0.38
19	5.06	1.81	0.42	0.84	-0.67	-0.50

Análise fatorial exploratória

Com o objetivo de perceber a estrutura da escala realizou-se uma análise exploratória. O índice KMO apresentou um valor de 0.856, verificando-se ainda a existência de correlação entre os itens em estudo (teste de esfericidade de Bartlett = 1256.541; $gl = 171$; $p = 0.00$). A análise das componentes principais, considerando o critério proposto pelo software estatístico SPSS de eigenvalues superiores a 1 para a determinação dos fatores a reter, permitiu observar quatro fatores, os quais explicam 56% da variância dos resultados obtidos. Na Tabela 2 é possível observar os itens distribuídos pelos quatro fatores, assim como o seu peso.

TABELA 2*Componentes principais extraídos da EAM (comunalidades e pesos fatoriais)*

Item	F1	F2	F3	F4	Comunalidades	% de variância
3	0.84				.56	30.31
4	0.78				.61	14.33
2	0.75				.74	5.87
13	0.64				.65	5.48
9	0.62				.42	4.84
5	0.56				.41	4.64
18	0.54				.51	4.33
11	0.50				.39	3.72
1		0.67			.53	3.65
7		0.62			.50	3.40
8		0.57			.65	3.15
6		0.44			.54	2.71
10			0.69		.59	2.39
17			0.69		.60	2.34
14			0.59		.52	2.22
15			0.50		.68	1.98
16				0.79	.55	1.68
19				0.62	.58	1.64
12				0.43	.51	1.26

O primeiro fator é constituído pelos itens 2, 3, 4, 5, 9, 11, 13, e 18 que explicam 30.31% da variância dos resultados (eigenvalue de 5.7). O segundo fator (itens 1,6,7 e 8) explica 14.33% da variância dos resultados (eigenvalue de 2.72). O terceiro fator é constituído pelos itens 10, 14, 15 e 17 explica 5.87% da variância dos resultados (eigenvalue de 1.11). O quarto, e último fator, é constituído pelos itens 12, 16 e 19 e explica 5.48% da variância dos resultados (eigenvalue de 1.04).

Análise fatorial confirmatória

A EAM foi submetida a uma análise fatorial confirmatória (CFA) adotando o estimador de máxima verossimilhança (ML). Foram testados três modelos: o modelo obtido na análise fatorial exploratória com quatro fatores, o modelo original unidimensional e um modelo com os 4 domínios propostos pelos autores Breugelmans e van de Vijver (2004). Para o modelo de 4 fatores os valores de qualidade de ajuste foram: χ^2 (146) = 291.012 e CMIN/DF de 1.993. Os valores CFI (0.832), NFI (0.724) e TLI (0.782) estão próximos de 1, o que mostra um bom ajuste (Bentler, 1990; Byrne, 2001; Marôco, 2011). O valor RMSEA (0.07) está na faixa de ajuste aceitável (Hu & Bentler, 1999; Ullman, 2006). O modelo original, unidimensional, apresentou índices de ajustamento mais fracos: χ^2 (152) = 440.562; CMIN/DF = 2.898; CFI = 0.667; NFI = 0.583; TLI = 0.583; RMSEA = 0.097. Em relação ao modelo dos 4 domínios, os índices de ajustamento são ligeiramente superiores aos obtidos na estrutura unidimensional.

TABELA 3*Análise fatorial confirmatória: Índices de ajustamento*

Modelos	N	χ^2	df	CMIN	CFI	TLI	NFI	RMSEA
4 fatores	202	291.012	146	1.993	0.832	0.782	0.724	0.070
Unidimensional	202	440.562	152	2.87	0.667	0.583	0.583	0.097
4 domínios (Original)	202	379.621	146	2.60	0.730	0.649	0.640	0.089

Análise de consistência interna

A análise de consistência interna revelou para a escala global um alfa de Cronbach de 0.85. Foi avaliado o valor de alfa para as dimensões obtidas na análise fatorial exploratória: dimensão 1 (8 itens) $\alpha = 0.822$; dimensão 2 (4 itens) $\alpha = 0.523$; dimensão 3 (4 itens) $\alpha = 0.677$ e dimensão 4 (3 itens) $\alpha = 0.575$. Foram também calculados os valores de consistência interna dos 4 domínios propostos pelos autores da escala. Os valores obtidos foram: 1) (des)aprovação da diversidade cultural (itens 1 a 6): $\alpha = 0.756$; 2) aculturação das minorias (itens 7 e 8): $\alpha = 0.239$; 3) apoio às minorias por membros majoritários (itens 9 a 12): $\alpha = 0.409$; e 4) igualdade de direitos e participação social para todos os grupos da sociedade (itens 13 a 19): $\alpha = 0.732$.

Discussão

Este estudo, de carácter exploratório, objetivou apresentar a análise métrica da escala de atitude multicultural (EAM) numa amostra portuguesa. Partindo de uma versão reduzida de 19 itens da escala original de 28 itens desenvolvida por Breugelmans e van de Vijver (2004), foram efetuadas a análise fatorial exploratória, análise fatorial confirmatória e consistência interna. A validade cruzada foi igualmente utilizada para observar se a estrutura identificada é repetida quando investigada numa segunda amostra (Floyd & Widaman, 1995). Para o efeito, a amostra foi aleatoriamente dividida em duas partes: 202 participantes para a análise fatorial exploratória e 202 participantes para a análise fatorial confirmatória.

A escala de atitude multicultural tem sido apontada como uma escala unidimensional, embora contemple, de acordo com os autores, quatro domínios (Breugelmans & van de Vijver, 2004). Contudo os resultados da análise fatorial exploratória mostraram uma estrutura de quatro fatores, sendo que estes fatores não são coincidentes com os domínios originais. A análise fatorial confirmatória, realizada de acordo com a estrutura obtida na análise fatorial exploratória, revelou índices de ajustamento aceitáveis. Uma vez que os itens obtidos nos quatro fatores não correspondem aos domínios originalmente propostos, foram testados mais dois modelos: o modelo unidimensional, que apresentou índices de ajustamento mais fracos e um valor de RMSEA elevado, e uma estrutura com os 4 domínios propostos, que revelou índices de ajustamento ligeiramente melhores que os índices obtidos no modelo unidimensional. Contudo, dos três modelos testados, foi o modelo obtido na análise fatorial exploratória que apresentou melhores índices de ajustamento comparativamente aos outros.

Face aos resultados controversos, analisaram-se os valores de consistência interna. A escala unidimensional apresentou um bom valor de alfa. Contudo, quer nos 4 domínios originais, quer

nos 4 fatores obtidos, os valores de consistência não foram considerados, na sua maioria, aceitáveis ($\alpha < 0.70$) (Nunnally, 1978). Em relação aos quatro domínios, apenas o primeiro ((des)aprovação da diversidade cultural), e o quarto (igualdade de direitos e participação social para todos os grupos da sociedade) apresentaram um valor de alfa superior a 0.70. Já nos quatro fatores obtidos na análise exploratória, apenas o primeiro, constituído por 8 itens, é que revelou um alfa aceitável. De notar ainda, que este fator é constituído por todos os itens que são revertidos. Assim, considera-se que, embora a estrutura unidimensional apresente um valor de consistência interna adequado, há necessidade de reforçar o estudo desta escala, nomeadamente no que toca aos itens e à sua dupla negativa, bem como à desejabilidade social. Neste sentido, sugere-se uma reformulação dos itens com vista à melhoria da sua consistência interna. Os resultados, claramente não satisfatórios em nenhum dos modelos, condiciona a proposta clara de um modelo, o que reflete as dificuldades de estudos de validação realizados em outras populações (e.g., Arends-Tóth & van de Vijver, 2003, 2006; Stogianni, 2021). Mais, considera-se que o facto dos itens correspondentes aos domínios originais e os itens obtidos na análise exploratória não serem coincidentes, justifica que esta escala seja validada e testada noutras culturas, devendo igualmente ser submetida a uma validade facial.

Conclusão

O contexto português encontra-se tradicionalmente marcado por movimentos migratórios, que evidenciam e acentuam a diversidade cultural. Embora Portugal seja considerado como um país hospitaleiro e favorável à multiculturalidade, tem-se observado um aumento de grupos nacionalistas, fatores que causam tensões sociais, e que diminuem o apoio a políticas de integração. Sendo a multiculturalidade uma realidade inevitável, considera-se que a versão portuguesa da EAM, é instrumento adequado para avaliar as atitudes multiculturais dos portugueses. Contudo, devem ser realizados estudos adicionais para fortalecer a validade da escala, nomeadamente no que respeita à sua estrutura.

Referências

- Arends-Tóth, J., & Van de Vijver, F. (2003). Multiculturalism and acculturation: Views of Dutch and Turkish-Dutch. *European Journal of Social Psychology*, 33, 249-266. <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.143>
- Arends-Tóth, J., & Vijver, F. J. R. v. d. (2006). Issues in the Conceptualization and Assessment of Acculturation. In M. H. Bornstein & L. R. Cote (Eds.), *Acculturation and parent-child relationships: Measurement and development* (p. 33-62). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bentler, P. (1990). Comparative Fit Indexes in Structural Models. *Psychological Bulletin*, 107 (2), 238-246. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.107.2.238>
- Bentler, P., & Bonett, D. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88, 588-606. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.88.3.588>
- Bentler, P., & Wu, E. (2002). *EQS for windows user's guide*. Encino: Multivariate Software, Inc..
- Berry, J. (2011). Integration and Multiculturalism: Ways towards Social Solidarity. *Papers on Social Representations*, 20, 2.1-2.21. http://www.psych.lse.ac.uk/psr/PSR2011/20_02.pdf

- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615–631. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00231>
- Berry, J., & Kalin, R. (1995). Multicultural and ethnic attitudes in Canada: An overview of the 1991 national survey. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 27, 301–320. <http://dx.doi.org/10.1037/0008-400X.27.3.301>
- Berry, J., Kalin, R., & Taylor, D. (1977). *Multiculturalism and ethnic attitudes in Canada*. Ottawa: Ministry of Supply and services.
- Bourhis, R., Moïse, L., Perreault, S., & Senécal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369–386. <https://doi.org/10.1080/002075997400629>
- Bourhis, R., Montaruli, E., El-Geledi, S., Harvey, S., & Barrette, G. (2010). Acculturation in Multiple Host Community Settings. *Journal of Social Issues*, 66(4), 780-802. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2010.01675.x>
- Bourhis, R., Montreuil, A., Barrette, G., & Montaruli, E. (2009). Acculturation and immigrant-host community relations in multicultural settings. In S. Demoulin, J. Leyens, & J. Dovidio (Eds.), *Intergroup Misunderstandings: Impact of Divergent Social Realities* (pp. 39-61). Psychology Press.
- Breugelmans, S. M., Van de Vijver, F., & Schalk-Soekar, S. (2009). Stability of majority attitudes toward multiculturalism in the Netherlands between 1999 and 2007. *Applied Psychology*, 58(4), 653-671. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00368.x>
- Breugelmans, S., & van de Vijver, F. (2004). Antecedents and Components of Majority Attitudes toward Multiculturalism in the Netherlands. *Applied Psychology*, 53(3), 400–422. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2004.00177.x>
- Byrne, B. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications and programming*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Cho, J., Morris, M., Slepian, M., & Tadmor, C. (2017). Choosing fusion: The effects of diversity ideologies on preference for culturally mixed experiences. *Journal of Experimental Social Psychology*, 69, 163-171. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jesp.2016.06.013>
- Curran, P., West, S., & Finch, J. (1996). The robustness of test statistics to nonnormality and specification error in confirmatory factor analysis. *Psychological Methods*, 1, 16–29. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.1.1.16>.
- Esses, V. M., Brochu, P. M., & Dickson, K. R. (2012). Economic costs, economic benefits, and attitudes toward immigrants and immigration. *Analyses of Social Issues & Public Policy*, 12(1), 133–137. <https://doi.org/10.1111/j.1530-2415.2011.01269.x>.
- Finney, S., & DiStefano, C. (2006). Non-normal and categorical data in structural equation modeling. In G. Hancock & R. Mueller (Eds.), *Structural equation modeling: A second course* (pp. 269–314). Information Age Publishing.
- Floyd, F., & Widaman, K. (1995). Factor analysis in the development and refinement of clinical assessment instruments. *Psychological Assessment*, 7(3), 286-299. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.7.3.286>
- Gonçalves, G., Sousa, C., & Arasaratnam-Smith, L. (2023). The effect of multicultural attitudes and perceived intergroup threat affect attitudes towards immigrants in Portugal: A polynomial regression with response surface analysis.
- Hall, S. (2000). Conclusion: The multicultural question. In B. Hesse (Ed.), *Unsettled Multiculturalisms: Diasporas, Entanglements, Transruptions*. Zed Books.

- Hambleton, R. (2005). Issues, designs, and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. In R. Hambleton, P. Merenda, & C. Spielberger (Eds.), *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment* (pp. 3–38). Lawrence Erlbaum.
- Ho, R. (1990). Multiculturalism in Australia: A survey of attitudes. *Human Relations*, 43, 259–272. <https://doi.org/10.1177/001872679004300304>
- Horenczyk, G. (1997). Immigrants' perceptions of host attitudes and their reconstruction of cultural groups. *Applied Psychology: An International Review*, 46, 34–8. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01088.x>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Kymlicka, W. (1995). *Multicultural Citizenship*. New York, NY: Oxford University Press.
- Leong, C., & Liu, J. (2013). Multiculturalism, beyond ethnocultural diversity and contestations. *International Journal of Intercultural Relations*, 37(6), 657–750. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2013.09.004>
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (5 ed.). ReportNumber, Lda.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais. Fundamentos teóricos, software e aplicações*. ReportNumber, Lda.
- Matera, C., Stefanile, C., & Brown, R. (2012). Host culture adoption or intercultural contact? Comparing different acculturation conceptualizations and their effects on host members' attitudes towards immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), 459–471. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2007.11.001>
- Modood, T. (2005). A defence of multiculturalism. *Soundings: A Journal of Politics and Culture*, 29, 62–71. <https://doi.org/10.3898/136266205820466869>
- Muñiz, J., Elosua, P., & Hambleton, R. K. (2013). Directrices para la traducción y adaptación de los tests: Segunda edición [International Test Commission Guidelines for test translation and adaptation: Second edition]. *Psicothema*, 25(2), 151–157. <https://doi.org/10.7334/psicothema2013.24>
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. McGraw-Hill Inc
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). McGraw-Hill, Inc..
- Piontkowski, U., Rohmann, A., & Florack, A. (2002). Concordance of acculturation attitudes and perceived threat. *Group Processes and Intergroup Relations*, 5, 221–232. <https://doi.org/10.1177/1368430202005003003>
- Ponterotto, J. G., Burkard, A., Rieger, B. P., D'Onofrio, A., Dubuisson, A., Heenehan, M., et al. (1995). Development and initial validation of the Quick Discrimination Index (QDI). *Educational and Psychological Measurement*, 55(6), 1016–1031. <https://doi.org/10.1177/0013164495055006011>
- Rex, J. (1998). Le multiculturalisme et l'intégration politique dans les villes européennes [Multiculturalism and political integration in the European cities]. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 105, 261–280. <https://www.jstor.org/stable/40690786>
- Roccas, S., Horenczyk, G., & Schwartz, S. (2000). Acculturation discrepancies and well-being: The moderating role of conformity. *European Journal of Social Psychology*, 30, 323–334. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(200005/06\)30:3<323::AID-EJSP992>3.0.CO;2-5](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(200005/06)30:3<323::AID-EJSP992>3.0.CO;2-5)
- Schalk-Soekar, S., & Van de Vijver, F. (2008). The Concept of Multiculturalism: A Study Among Dutch Majority Members. *Journal of Applied Social Psychology*, 38, 2152–2178. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2008.00385.x>

- Schalk-Soekar, S., van de Vijver, F. J.R., & Hoogsteder, M. (2004). Migrants' and majority members' orientations toward multiculturalism in the Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 533–550. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2005.01.009>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2020). *Evolução Global da População Estrangeira*. <https://sefstat.sef.pt/forms/home.aspx>
- Sireci, S. & Faulkner-Bond, M. (2014). Validity evidence based on test content. *Psicothema*, 26(1), 100-107. <https://doi.org/10.7334/psicothema2013.256>
- Sousa, C. (2015). *Competências multiculturais: inteligência cultural e personalidade multicultural em contexto organizacional e social* [Tese de Doutoramento]. Universidade do Algarve.
- Sousa, C., & Gonçalves, G. (2015). Imigrantes e sociedade de acolhimento – Percepções e realidades: O caso de Portugal. *Psicologia e Sociedade*, 27(3), 548-557. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p548>
- Spaan, M. (2006). Test and item specifications development. *Language Assessment Quarterly*, 3(1), 71-79. https://doi.org/10.1207/s15434311laq0301_5
- Stanley, L. S. (1996). The development and validation of an instrument to assess attitudes toward cultural diversity and pluralism among preservice physical educators. *Educational and Psychological Measurement*, 56(5), 891–897. <https://doi.org/10.1177/0013164496056005017>
- Stogianni, M., Murdock, E., He, J., & van de Vijver, F. (2021). Attitudes towards multiculturalism in Luxembourg: Measurement invariance and factor structure of the Multicultural Ideology Scale. *International Journal of Intercultural Relations*, 82, 207-219. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2021.03.011>
- Taylor, C. (1992). *Multiculturalism and the Politics of Recognition*. Princeton University Press.
- Tip, L., Zagefka, H., González, R., Brown, R., Cinnirella, M., & Na, X. (2012). Is support for multiculturalism threatened by ... threat itself? *International Journal of Intercultural Relations*, 36, 22-30. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2010.09.011>
- Tiryakian, E. A. (2003). Assessing multiculturalism theoretically: E pluribus unum, sic et non. *International Journal on Multicultural Societies*, 5(1), 20–39. www.unesco.org/shs/ijms/vol5/issue1/art2
- Ullman, J. B. (2006). Structural equation modeling: Reviewing the basics and moving forward. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 35-50. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8701_03
- Urbiola, A., Willis, G., Ruiz-Romero, J., Moya, M., & Esses, V. (2017). Valuing diversity in Spain and Canada: The role of multicultural ideology in intergroup attitudes and intentions to reduce inequalities. *International Journal of Intercultural Relations*, 56, 25-38. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijintrel.2016.10.006>
- Van de Vijver, F., Breugelmans, S., & Schalk-Soekar, S. (2008). Multiculturalism: Construct validity and stability. *International Journal of Intercultural Relations*, 32(2), 93–104. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijintrel.2007.11.001>
- Van Oudenhoven, J., Prins, K., & Buunk, B. (1998). Attitudes of minority and majority members towards adaptation of immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 28, 995-1013. [http://dx.doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(1998110\)28:6<995::AID-EJSP908>3.0.CO;2-8](http://dx.doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(1998110)28:6<995::AID-EJSP908>3.0.CO;2-8)
- Vertovec, S. (2007). Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30(6), 1024-1054. <http://dx.doi.org/10.1080/01419870701599465>
- Virgona, A., & Kashima, E. (2021). Diversity ideologies and flourishing: An Australian study comparing polyculturalism, multiculturalism, and colorblindness. *International Journal of Intercultural Relations*, 81, 236-251. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2021.02.002>

- West, S., Finch, J., & Curran, P. (1995). Structural equation models with non-normal variables: Problems and remedies. In R. Hoyle (Ed.), *Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications* (pp. 56–75). Sage Publications.
- Zagefka, H., & Brown, R. (2002). The relationship between acculturation strategies, relative fit and intergroup relations: immigrant-majority relations in Germany. *European Journal of Social Psychology*, 32, 171–188. <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.73>
- Zick, A., Wagner, U., Van Dick, R., & Petzel, T. (2001). Acculturation and prejudice in Germany: Majority and minority perspectives. *Journal of Social Issues*, 57, 541–557. <http://dx.doi.org/10.1111/0022-4537.00228>

Apêndice 1

Versão Portuguesa da Escala de Atitude Multicultural (EAM)

-
- 1 É bom para Portugal ter grupos de diferentes contextos culturais a viver no país.
 - 2 Não gosto de andar em autocarros ou comboios onde há muitos estrangeiros. *
 - 3 Acho que a unidade de Portugal é enfraquecida pela presença de estrangeiros. *
 - 4 Acho que as cidades com muitos estrangeiros são mais inseguras. *
 - 5 Penso que há muitos estrangeiros a viver em Portugal. *
 - 6 Acho que é melhor para Portugal que os estrangeiros mantenham as sua própria cultura e costumes.
 - 7 Sinto-me à vontade quando estou numa cidade com muitos estrangeiros.
 - 8 Considero que os estrangeiros estão suficientemente familiarizados com a cultura e costumes portugueses.
 - 9 Sinto-me desconfortável quando os estrangeiros falam numa língua que eu não compreendo. *
 - 10 Acho que os estrangeiros que estão em Portugal fizeram um esforço suficiente para arranjar trabalho.
 - 11 Acho que os estrangeiros que estão em Portugal estão a concentrar-se demasiado em certas cidades. *
 - 12 Acho que os estrangeiros residentes devem aprender a falar português corretamente.
 - 13 Aprovo que as mulheres estrangeiras residentes usem lenços na cabeça. *
 - 14 Aborrece-me quando um estrangeiro não me entende.
 - 15 Acho que a maioria dos Portugueses não está suficientemente familiarizada com a cultura e costumes dos estrangeiros.
 - 16 Prefiro viver ao lado de uma família portuguesa do que ao lado de uma família de estrangeiros.
 - 17 Acho que as empresas portuguesas se deveriam esforçar para contratar mais estrangeiros.
 - 18 Penso que as escolas portuguesas devem pensar mais sobre os antecedentes culturais dos seus alunos. *
 - 19 Acho que a polícia Portuguesa deveria aumentar a patrulha nas cidades onde há muitos estrangeiros.
-

Nota: * Itens revertidos